

INFORMAÇÕES

(Continuação da pág. 3)

Faleceu D. Anacleto Oliveira: Ao fim da manhã de sexta-feira, dia 18, vítima de acidente automóvel, faleceu o nosso Bispo, D. Anacleto Oliveira. A sua partida para Deus representa para a nossa Diocese e para a Igreja em Por-

tugal uma grande perda. Agradecemos ao Senhor todo o seu trabalho pastoral na nossa Diocese e na Conferência Episcopal e rezemos para que esteja já na glória celeste a interceder por nós e por esta terra do Alto Minho que ele tanto amava.

MISSAS

Dia	Hora	Intenções	
21	Seg	18h00	Olívia da Costa Morais Machado; Manuel Coelho Amorim (aniv.); Adolfo dos Santos Valdez; Daniel Barbosa Marques; José dos Santos Barbosa; Palmira Enes Morais; Em ação de graças a Santa Luzia
22	Ter	18h00	Rosa dos Anjos Dantas Fernandes Dinis; Rosa Pereira Mourão, marido, pais e sogros; José Soares Martins Caravela e esposa; Alzira Baganha Rodrigues; António Reis Afonso; José Pernil Dias Pinheiro, filho e esposa; Fernando Albino Correia; António da Silva e esposa; Miguel Rodrigues da Silva Lima; José dos Santos Barbosa
23	Qua	18h00	Laurinda Gomes Dinis; António Gonçalves do Rego, esposa e família; Maria de Lurdes Costa Viana, marido e filhos; Pais de Ester Reis; Daniel Barbosa Marques; José dos Santos Barbosa; Palmira Enes Morais
24	Qui	18h00	José Sá Coutinho, esposa e irmão; Serafim da Silva Baganha, pais, sogros e cunhados; Filipe Pereira Barbosa Dantas; Rosa Alves Maciel e marido; Daniel Barbosa Marques; José dos Santos Barbosa
25	Sex	18h00	Carminda Meira da Costa Faria, pais, irmã e cunhados; Artur Pereira da Silva e esposa; José Mendes da Silva; Manuel Carreiras, esposa, filho e genro; Manuel António Martins Pinto; Maria Júlia Afonso Parente Gonçalves e marido; Daniel Barbosa Marques; José dos Santos Barbosa
26	Sáb	18h00	Intenções da Casa do Lero; Francisco Nicolau Ramos Júnior e família; Daniel Barbosa Marques; José dos Santos Barbosa
27	Dom	09h00	Maria Martins Ribeiro e marido; David Gonçalves de Carvalho, esposa e filhos; Salvador Martins Borlido e filha; Mário da Costa Dinis; Domingos Passos (aniv.); Paulo Alexandre Correia; Maria Clementina Gonçalves Borlido e marido; Lucinda Gomes Dinis, marido e filhos; Esperança Amorim, marido e filhos; Vicente Soares, sogros e cunhados; Maria da Conceição Maciel Fernandes Moreira e marido; António José Afonso Gonçalves do Rego; José dos Santos Barbosa

PARÓQUIA VIVA

N.º 397 – 20/09/2020

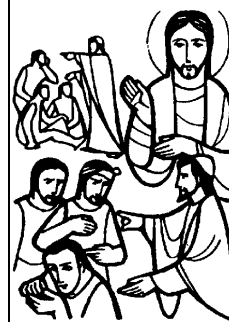
Boletim Litúrgico-informativo • Areosa - Viana do Castelo

Telefone: 258 811 475 | Telemóvel: 93 63 22 123

E-mail: paroquiaareosa@sapo.pt / Web: www.paroquiaareosa.org • Sai todos os Domingos



25.º Domingo Comum – Ano A



«disse Jesus aos seus discípulos a seguinte parábola: “O reino dos Céus pode comparar-se a um proprietário, que saiu muito cedo a contratar trabalhadores para a sua vinha. ... Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”» (Evangelho)

A importância da tristeza

Por: José Luís Nunes Martins

A alegria é apenas uma parte da vida, por muito que alguns tentem convencer-nos de que a sua existência é apenas feita de bons momentos.

Ser humano é ser de carne e osso. A vida que queremos parece que passa o tempo a fugir-nos, e enquanto perseguimos o que sonhamos a cada dia há tropeços e quedas. Vamos absorvendo esses sofrimentos que fazem parte de qualquer caminho, até que, num inesperado momento, temos de os enfrentar no íntimo. Sussurrámos e gritámos com a tristeza que nos abraça o coração.

O mundo de hoje pressiona-nos a estar sempre felizes, ou pelo menos a parecê-lo. Uma pressão forte e constante para que apenas consideremos o lado positivo de tudo. Ora, o mundo é muito mais do que as cores da alegria, há tempos e lugares onde a tragédia vive e cresce...

A minha felicidade tem de integrar os momentos em que, de forma inesperada, uma aflição vaga, sossegada e profunda chega, fazendo com que deixemos de encontrar gosto e diversão nas coisas comuns. E é nesses terrenos inexplorados que devemos procurar as belezas raras que não existem senão nos vales mais profundos da condição humana.

Há caminhos para o alto! Mas é preciso procurá-los e reconstruir as partes que se estragaram por falta de uso.

A tristeza eleva-nos, na medida em que nos desvia o olhar do inútil e nos faz ver o importante.

Hoje, as grandes conquistas são as de coisas, o sucesso material... Não se valoriza quem enfrentou os seus pesadelos e alcançou a paz. Como se isso não fosse o mais importante. Quanto valem todas as riquezas para quem se perdeu a si mesmo de modo a alcançá-las?

É possível que eu impeça o meu coração de sentir tristeza, mas isso tem um custo: estarei a desligar-me de todas as outras emoções, boas e más. Só pode ser feliz quem permite a si mesmo sentir todos os sentimentos.

Sem tristeza própria, não posso compreender nem ajudar na tristeza de quem quer que seja... E, sem amor, ninguém é feliz, nem sequer fica perto!

Ainda que a minha história seja um mar de infortúnios, acredito que há e haverá sempre algo que me ultrapassa e justifica a minha vida.

(Continua na pág. 3)

25.º Domingo do Tempo Comum – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª Leitura: Is. 55, 6-9

2.ª Leitura: Fil. 1, 20c-24.27a

Evangelho: Mt. 20, 1-16a

- Sabor a injustiça ou sinal de justiça curta? -

No evangelho deste domingo somos confrontados com uma parábola a que não é fácil dar a volta. Se, por um lado, estamos de acordo que o vinhateiro não cometeu qualquer injustiça, pois pagou o salário combinado, também é verdade que sentimos um certo sabor a injustiça, por ter dado a todos a mesma paga, já que faz parte da justiça tratar diferentemente o que é diferente. Convenhamos que não é a mesma coisa trabalhar apenas uma(s) hora(s) ou mourejar todo o santo dia!

Por isso, ela lança-nos o desafio a não ficarmos do lado dos que trabalharam o dia inteiro, mas a passarmos para o outro lado. E o outro lado são, antes de mais, aqueles homens que, tendo trabalhado apenas uma(s) hora(s), receberam a paga por inteiro: não é difícil imaginar a sua alegria e contentamento! E a verdade é que a culpa não foi deles – “ninguém nos contratou” – apenas não estiveram no lugar certo à hora certa. Mas o sustento da sua família esse estava dependente do seu vencimento. E, se esse fosse o nosso lado, não gostaríamos que nos acontecesse a mesma coisa? Então, porquê tanta inveja e revolta?

Mas o outro lado é, sobretudo, o lado de Deus! Com esta história, levada até ao extremo da sua verosimilhança, Jesus quis dar-nos a conhecer o coração do nosso Deus, que é um coração grande, magnânimo, generoso – é mesmo um coração de Pai: “tanto quanto o céu está acima da terra, assim acima dos vossos estão os meus pensamentos”!

Escreveu o Papa Francisco para o Ano Jubilar da Misericórdia: “Deus, com a misericórdia e o perdão, passa além da justiça. Isto não significa desvalorizar a justiça ou torná-la supérflua. Mas, se Deus se detivesse na justiça, deixaria de ser Deus. A justiça, só por si, não é suficiente e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de a destruir. Deus não rejeita a justiça: Ele engloba-a e supera-a num evento superior onde se experimenta o amor, que está na base da verdadeira justiça” (Misericordiae vultus, n.º 21).

E é à luz desse coração grande que melhor vemos a pequenez e a mesquinhez do nosso: não somos capazes de nos alegrar com aqueles que estão alegres, nem de partilhar a tristeza dos outros – é o nosso coração que precisa de ser mudado e não o coração de Deus!

Daí o apelo do mesmo Papa Francisco, ao encerrar esse Ano Santo da Misericórdia: “Somos chamados a fazer crescer uma cultura de misericórdia, com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos.

Este é o tempo da misericórdia. Cada dia da nossa caminhada é marcado pela presença de Deus, que guia os nossos passos com a força da graça que o Espírito infunde no coração para o plasmar e torná-lo capaz de amar. É o tempo da misericórdia para todos e cada um, para que ninguém possa pensar que é alheio à proximidade de Deus e à força da sua ternura. É o tempo da misericórdia para que quantos se sentem fracos e indefesos, afastados e sozinhos, possam individualizar a presença de irmãos e irmãs que os sustentam nas suas necessidades. É o tempo da misericórdia para que os pobres sintam pousado sobre si o olhar, respeitoso mas atento, daqueles que, vencida a indiferença, descobrem o essencial da vida” (Misericordia et Misera, 20-21).

É assim que poderemos trocar o sabor a injustiça pelo sabor e cheiro a misericórdia!

Pe. José de Castro Oliveira

Ama quem precisa, não quem merece

Por: José Luís Nunes Martins

Abre-te à luz que te habita, para que o teu caminho se ilumine. Sê mais transparente, não te enchas tanto de ti. A luz de ti mesmo precisa de um espaço para brilhar. Oferece-lhe um coração grande, com poucas coisas – quase vazio.

Aceita o dom do amor e serás uma fonte de bem para outros.

Nunca recuses o amor, ama. Nunca recuses o amor, deixa-te amar. Não há nada pior do que rejeitar o que te dá sentido à tua vida e te dignifica.

Não és o teu nome, nem a tua família, profissão, dinheiro, poder, posição social ou mesmo as tuas capacidades. Tu és aquilo que te diferencia dos outros.

Crescemos de cada vez que não acumulamos, enriquecemos de cada vez que somos generosos. A felicidade não é acrescentar coisas, é partilhar com quem não tem quem o valorize pelo que é!

Não te deixes atrofiar pelos teus orgulhos e egoísmos.

Lembra-te de que amar é um dom, não é um prémio. Ninguém o merece, mas todos precisam dele, muito.

Tu és maior, e mais importante, do que todos os teus erros e fracassos.

Os outros são iguais a ti: maiores e mais importantes do que todos os seus erros e fracassos.

Levanta-te, anda e ama.

In Ecclesia, 11.09.2020

A importância da tristeza

Por: José Luís Nunes Martins

(Continuação da 1.ª página)

Uma alma triste não deixa de ser nobre, muito pelo contrário.

E quando é tempo de paz e alegria, ninguém voa mais alto do que aqueles que aceitam a vida tal como ela é: longa, larga, profunda e tão alta que chega ao céu.

Há uma certa doçura na tristeza que revela a nossa fragilidade autêntica, mostrando-nos, a nós mesmos e aos outros, como verdadeiros. Tristes, mas inteiros.

Que a tristeza não nos faça mentir e criar falsas aparências de sucesso e alegria. Que não nos feche em nós e assim nos impeça de amar e de ser amados.

In Ecclesia, 04.09.2020

INFORMAÇÕES

Reunião de Cobradores da Liga de Amigos do CSPA: A Direção do Centro Social Paroquial de Areosa (CSPA) reunirá com os Cobradores da Liga de Amigos do Centro, no próximo sábado, dia 26, às 16,30 h., no salão paroquial.

“Côngrua” Paroquial: O pároco lembra que durante os meses de setembro e outubro decorre a entrega da chamada “Côngrua” ou Contributo Paroquial, destinado ao sustento do pároco. Poderá ser entregue na sacristia ou diretamente ao pároco, em envelope fechado, com o nome e morada do chefe de família. No próximo fim de semana será entregue à saída das Eucaristias um envelope para o efeito.

Por indicação da Conferência Episcopal Portuguesa em 1968, cada família deverá, de modo voluntário, partilhar para o sustento do pároco o rendimento de um dia por ano. Como nos tempos atuais há famílias com muitos encargos fixos que levam a maior parte do rendimento, poderão fazer-se as devidas deduções, tais como, por exemplo, a renda ou prestação da casa e os gastos com os estudos dos filhos.

Cada um procure ser generoso, partilhando aquilo que, em consciência, puder!

Contas de Ofertório: O Ofertório destinado aos Lugares Santos de Jerusalém, realizado nas Eucaristias do passado fim de semana, dias 12 e 13, rendeu o valor de 76,84 €.

(Continua na pág. 4)